



BODY MODIFICATION: UMA REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CORPO DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Nívea Maria Silva Menezes¹

A presente pesquisa abordou questões sobre: corpo, juventude, educação e *body modification*. Nosso interesse pelo tema se deu desde as nossas primeiras pesquisas, de caráter monográfico,³ realizadas na Universidade Federal de Goiás – UFG, que contribuiram para o fomento de novas inquietações, agora, mais precisamente, no campo da educação. Tais inquietações dizem respeito à intenção de compreender como vêm se constituindo os processos de modificação corporal do homem contemporâneo, na produção de novas subjetividades, dada a importância adquirida pelo corpo nas últimas décadas.

Privilegiamos a juventude enquanto foco de pesquisa por entender que esta é uma fase em que a formação do indivíduo está tensionada por uma certa necessidade de adaptação à ordem sócio-cultural existente, pela busca de um sentimento de pertencimento e de uma maior autonomia sobre as questões afetas ao corpo e pelos conflitos que ela estabelece com as autoridades institucionais (família, igreja, escola,).

¹ Doutoranda em Educação pelo PPGE/UNIMEP. Email: nimenezes09@gmail.com

² De acordo com Lastória (2009), em termos bastante genéricos, podemos compreender a *body modification* como uma apropriação cidadina de práticas culturais, consideradas exóticas ao nosso olhar, e que são ressignificadas de diversas maneiras, chegando, em muitos casos, às raízes do grotesco. Essas modificações corporais perseguidas e praticadas pelos adeptos dessas tendências retiram seus motivos estéticos de culturas milenares (como a chinesa, a indiana, a tibetana), de culturas tribais pré-letradas ou simplesmente, baseiam suas intervenções corporais na imitação de animais, como é o caso da “mulher-vaca” e do “homem-gato” dentre outros. Nesses casos as modificações corporais justificam-se por um projeto de transformação contínua estabelecido *a priori* pelo indivíduo. O “homem-lagarto”, por exemplo, dedicou 450 horas de tatuagem à cobertura de grande parte do seu corpo com desenhos de escamas coloridas e presume que ainda falte aproximadamente 250 horas para a conformação total idealizada. Dentre as principais formas de modificações corporais verificadas nessas tendências estão desde os populares *piercings* e tatuagens, passando por alargadores de orelhas, escarificações (cicatrizes profundas), *brandings* (marcações com ferro em brasa), implantes subcutâneos (em geral feitos com esferas de silicone ou de teflon), *body play* (brincadeiras com agulhas que perfuram o corpo), *blood play* (brincadeiras com sangue), *cuts* (amputações), até os chamados “rituais de suspensão” nos quais as pessoas são presas a *piercings* gigantes e penduradas por um sistema simplificado de polias.

³ Pesquisa monográfica de conclusão do Curso de Educação Física intitulada o “Treinamento Desportivo: Uma análise acerca dos projetos de treinamento nas escolas estaduais de Catalão-GO” (2002). Na qual discutimos a representação de corpo construída no esporte, em particular no treinamento desportivo a partir dos projetos desenvolvidos pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEEG). Na oportunidade, pudemos perceber as formas instrumentais de tratamento dadas ao corpo apresentando-se enquanto uma prática alienada e acrítica, desprovida de reflexão. Para o corpo daqueles jovens desenvolvia-se um processo semelhante àquele dos atletas profissionais, tornando-se um meio para a obtenção de resultados que são demonstrados nas competições de alto-rendimento. Ao nosso ver, esta prática têm favorecido a disseminação, o reforço e a legitimação do esporte de alto-rendimento, e a reificação do corpo a partir das formas instrumentais dadas a ele.



Além disso, sempre nos chamou a atenção as formas pelas quais, principalmente, adolescentes e jovens tratam seus corpos⁴ e o fato de que, de uma forma ou de outra, buscam por meio dele, se autoafirmarem enquanto sujeitos, não pela via verbalizada, mas pelas multifacetadas possibilidades de investimentos no corpo. Essa forma de afirmação impõe-se nos espaços por onde eles circulam, seja a escola, a casa, o trabalho ou espaços de lazer. Dessa forma, o corpo assume imperativos de beleza e saúde, assim como plasticidades tão impensadas há algumas décadas atrás. Para entender essa “imprevisibilidade” do porvir e, portanto, as tendências sociais em curso, é necessário observar a juventude e o que ela nos diz, com seu visual “esquisito”.

As práticas de marcação e transformação do corpo sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade. No entanto, seus significados sofrem diversas alterações, ao longo dos séculos, em uma mesma sociedade; também são diferentes de uma sociedade para outra. Assim, condições como: identidade, ritos de passagem, adolescência, casamento e luto, entre outras, em muitas culturas são simbolizadas por meio de marcas no corpo e contêm significados específicos da cultura e do tempo em que estão inseridas.

Para Beatriz Pires (2005), a relação corpo e cultura sempre existiu e

As formas como ambos refletem e espelham um ao outro mudam conforme as normas e os interesses da sociedade à qual pertencem. Constantemente focado não só pelas ciências, que o tomam como centro de incessantes investimentos, como também pelas artes, sobretudo as visuais, que durante séculos se apropriaram dele como objeto de inspiração e de pesquisa, o corpo, nas últimas décadas, ganhou e assumiu possibilidades e conotações completamente inimagináveis há anos⁵.

Atualmente, conforme sublinha Francisco Ortega (2006), o investimento no corpo é uma resposta à desagregação dos laços sociais, ao afastamento do outro e à perda de valores e significados coletivos que estruturavam o mundo simbólico do indivíduo.

A contingência e a perda das âncoras tradicionais para o *self* criam um sentimento de insegurança que leva à procura da realidade da marca corporal. Quanto mais acreditamos na contingência, mais temos a necessidade de recorrer a algo que se apresente como real, como permanente, em um mundo de impermanência, uma âncora para o *self*, “uma superfície protetora contra a incerteza do mundo”, “uma proteção simbólica contra a adversidade” à qual as modificações corporais parecem oferecer uma resposta⁶.

Diferentemente das marcas tradicionais no corpo que, em várias culturas, têm uma representação social, ou seja, é representativo para todos da comunidade que entendem a importância e o significado daquele símbolo para o sujeito que marca seu corpo, as sessões de

4 Em 2004 na Faculdade de Educação Física da UFG desenvolvi uma monografia de especialização com o título: “Sem Exageros... Tudo bem! Corpo, signos e juventude bem comportada” que teve como objetivo discutir a compreensão dos alunos e professores do Colégio Lyceu de Goiânia sobre os usos do corpo na escola.

5 PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte: piercing, implantes, escarificação, tatuagem. São Paulo: SENAC, 2005, p.26.

6 ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.53.



modificação corporal contemporâneas adquirem outra conotação; há primeiramente um desejo individual manifesto pelo sujeito. A experiência realizada é descolada de um significado coletivo mais amplo e transformada num rito em que cada indivíduo que o pratica lhe atribui um significado. Sobre a questão dos ritos, neste caso especificamente os de passagens, mas cuja compreensão pode ser entendida aos outros nossas sociedades, Kehl (2004) sublinha que:

Podemos dizer que em nossas sociedades laicas, em que faltam ritos de passagem para sinalizar o ingresso na vida adulta, os objetos de consumo e os espaços próprios para frequência de jovens – a lanchonete, o baile *funk*, a boate, os *megashows* de rua – substituem os ritos característicos das culturas pré-modernas. Os jovens também inventam seus próprios ritos⁷.

Os ritos inventados sob a égide da sociedade de consumo tendencialmente pouco acrescentam significativamente a formação dos sujeitos. Os ritos significativos são coletivos, duradouros, aceitos e praticados pela maioria, atuam na formação e equilíbrio do sujeito, e na inserção naquela sociedade. São de grande valor na transmissão e compreensão das experiências.

No atual contexto, o corpo é um dos campos de resistência e respostas possíveis às agruras do mundo em que vivemos, por isso ele pode ser considerado um verdadeiro sismógrafo da humanidade. É nele que se encontra a curiosa demanda de boa parte da juventude contemporânea de manifestar sua condição, seus medos, suas revoltas. Mas, na maioria das vezes, nenhuma palavra é dita, o grito de protesto não acontece, ele é substituído, no caso da *body modification*, pela aparência que choca, por corpos grotescos e pela demasiada violência infligida ao mesmo. São chifres de teflon ou silicone sólido na testa, *piercings* espalhados ao longo do corpo, pele multicolorida por tatuagens, cortes profundos na carne, amputações, orelhas, lábios, narizes, braços e pernas mutiladas ou semimutiladas etc.

O corpo, na cultura contemporânea, tornou-se algoz e vítima da nossa sociedade, marcada pela indústria cultural que é espaço para a fomentação de modelos e imagens corporais padronizados, também pode ser o fator capaz de apresentar uma fronteira entre a reificação e o humano, que é aquilo que ela não coopta, as resistências possíveis ao mundo administrado. Essa situação repercute nas subjetividades, muitas vezes sem os sujeitos se darem conta disso. A presença maciça da indústria cultural, disponibilizando inúmeras imagens e modelos de corpos, afeta a subjetividade humana profundamente, ao ponto de levar à banalização da identidade, porque os sujeitos passam a ver seus corpos como matéria plástica, espaço de afirmação da multiplicidade. Isso é o que Vladimir Safatle (2009) chama de *corpo reconfigurável*.

⁷ KEHL, Maria Rita. *A Juventude como sintoma da cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p.95.



Dessa forma, a sociedade do consumo promove deliberadamente a obsolescência de suas próprias mercadorias e alimenta o fluxo contínuo de equivalências, em campos sociais cada vez mais alargados. Devido a isso, tanto o padrão de beleza, tido como ideal e universal, associado à longevidade e à vida saudável, dentre outros atributos propalados pela publicidade que associa juventude e modernidade, quanto os jovens que participam de sessões de modificação corporal estão sob o mesmo domínio. O que interessa realmente na retórica publicitária é alargar domínios; não se trata de atingir um único “alvo”, mas de universalizar a ideia: “faça o que quiser com seu corpo!”. Assim, é dito ao consumidor que ele pode, e deve, fazer o que quiser com seu corpo, mas, desde que privilegie atitudes socialmente fornecidas e codificadas pelo mercado.

A nosso ver, o fenômeno *body modification* carrega uma ambiguidade que está presente em muitos outros fenômenos sociais (como o esporte) advindos com a modernidade. E um e outro se agudizam na relação racionalizada e reificada do homem com seu corpo, tão evidente na sociedade contemporânea. Adorno (1995), em seu ensaio “Educação Após *Auschwitz*”, levanta questões acerca do esporte. Embora não tenha sido objeto específico de seus estudos, o autor nos traz uma passagem bem elucidativa sobre esse fenômeno:

Aqui seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por meio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro lado, em algumas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. É preciso analisar de maneira sistemática esta ambiguidade. Os resultados teriam que ser aplicados à vida esportiva na medida da influência da educação sobre a mesma⁸.

A ambiguidade descrita por Adorno resulta da crescente racionalização do esporte, em detrimento do lúdico, e de sua espetacularização acirrada no capitalismo. A técnica, a dor, o acidente, a competitividade e o *record* fazem parte do esporte-espetáculo tanto quanto a cordialidade entre os participantes. O fenômeno do esporte é emblemático porque representa, no mundo contemporâneo, o domínio da técnica, a administração e a educação dos sentidos pela via da reificação do corpo como também a comercialização disso tudo.

Por sua vez, a *body modification* é ambígua pelo fato de ser uma prática que insurge, à princípio, contra os ditames da estética *in*, aparentemente resiste e afronta os ideais de beleza vigentes. No entanto, essa forma de expressar insatisfação tornou-se mercadoria. Essa escolha de um corpo diferente é apenas aparente. Mas há que se considerar que se, por um lado, escolhe-se apenas a aparência externa do corpo, por outro, isso interferirá na subjetividade e essa “liberdade” e essa “autonomia” estão à mercê do mercado de consumo e são incorporadas pelo mesmo.

⁸ ADORNO, Theodor W. *Educação Após Auschwitz*. São Paulo: Paz e Terra, 1995, pp.119-138.



Confirma-se essa situação quando se vê jovens adeptos da *body modification* declararem: “Eu tomei partido, eu me escolhi. Eu sou parte de uma cultura, mas não acredito nela. Minhas modificações corporais são meu modo de dizer isso⁹”. O que esses jovens não admitem é que essa cultura do *fake* que os circunda, invade em maior ou menor grau, inclusive o que eles pensam que criam.

É nesse contexto que os jovens “preferem inscrever seus atos de protesto no próprio corpo a protestar com palavras de ordem coladas a alguma ideologia racional indicativa de transformação da sociedade”, como chama a atenção Lastória (2009). O que na concepção desses jovens é liberdade esbarra no

Grande engodo que se prolifera sob a capa da democracia cada vez mais imiscuída à sofisticada racionalidade tecnológica, incluindo-se a política pasteurizada pelo marketing, tem levado à ruína o pressuposto do debate racional de ideias como um dos valores sobre os quais se assentaria o convívio democrático.¹⁰

Essa concepção de democracia sustenta tanto a insatisfação quanto a satisfação da sociedade. Para Safatle (2009),

[...] Em última instância passamos de uma sociedade da satisfação administrada para *uma sociedade da insatisfação administrada* na qual ninguém realmente acredita nas promessas de gozo veiculadas pelo sistema de mercadorias (já que elas são postas para serem descartadas) [...] ¹¹ (grifos do autor).

Administrar a insatisfação significa sugerir aos sujeitos que cada qual ao seu modo se adaptem ao mundo que os circunda e inventem novas formas de conviver nele, através da educação dos sentidos proporcionada pela racionalização e pela reificação presentes no ambiente contemporâneo corroboram para isso.

Os jovens adeptos da *body modification* que se submetem às técnicas de suspensão, implantes, escarificações, inserção de *piercings* nos genitais e a muitas outras *performances* corporais sabem o risco de tais manipulações, no entanto, o suporte técnico garante-lhes, com precisão, a medida da dor. No mundo das mercadorias e das mercadorias descartáveis, a *body modification* é uma ação que fixa o corpo com seu caráter permanente ou semipermanente. Conforme Zuin (2003), os torpores dos sentidos e das consciências devem ser combatidos por meio de estimulações poderosas. E atitudes como a *body modification* e os esportes radicais são choques que estimulam quem pratica e quem assiste. O autor ainda sublinha que:

⁹ Fala retirada da Revista Urbanitas In: <http://www.osurbanitas.org/osurbanitas2/nomedoarquivo.html>. Acesso janeiro de 2008.

¹⁰ LASTÓRIA, Luiz A. C. Nabuco. *Utopias somáticas como contra-face da distopia social*. São Paulo: Nankin, 2009, pp.273-286.

¹¹ SAFATLE, Vladimir. *Corpo obsoleto: sobre a relação entre fragilização das identificações e reconstrução contínua do corpo*. São Paulo: Nankin, 2009, pp.253-272.



Não é obra do acaso que os jovens que se jogam de uma altura de quarenta metros com os pés amarrados em cordas elásticas nos parques de diversão digam, com os olhos arregalados e a respiração ofegante, isso sim é que é adrenalina. Na sociedade do espetáculo, é a simulação do suicídio que, lembra, paradoxalmente, às pessoas que elas estão vivas¹².

Os jovens que manipulam e transformam seus corpos buscam essa sensação de choque, de estar vivo também pela dor que sentem quando da manipulação. Não há simulação da dor, como na simulação do suicídio proporcionada pelo *bungee-jump*; ela acontece de fato. Eles sentem o corpo ser invadido, cortado, queimado e mutilado. Usam a técnica contida nessas práticas para fruir o gozo de se sentir vivo. É a administração plena dos sentidos e percepções. Tudo é minuciosamente planejado – até para que seja suportável – e desenvolvido com muita precisão: cada queimadura estilizada, cada implante, cada aplicação de ganchos para *performance* de suspensão, enfim, todas essas modificações estão sob o domínio da racionalidade, tanto de quem aplica, como de quem as recebe.

Esses jovens, assim como tantos outros, têm demandas diferentes, mas a matriz de sofrimento agônico se deve muito ao movimento paradoxal de exaltação do individualismo, que resulta na anulação desses mesmos indivíduos na nossa sociedade, que buscam desesperadamente uma singularidade, mesmo que se flagelando!

Assim, entendemos que, apesar das modificações corporais representarem uma tentativa de recusa à implacável exposição e banalização do corpo e à crescente necessidade de personalização dele nesta cultura de padronização e consumo de corpos, investimentos corporais, esses argumentos se esvaziam a partir do momento em que os protestos também se transformam em produtos imagéticos, vendidos como algo inusitado, exótico ou mesmo como estilo de vida na cultura contemporânea.

Dessa forma, a tão almejada “singularidade” perseguida pela juventude contemporânea torna-se mais um produto do mercado, onde o *out* é incorporado pelo *in*, num jogo em que a disputa consiste não em se ter um vitorioso, mas, via de regra, que todos compartilhem, de uma forma ou de outra, dessa cultura de resignação ao corpo, na qual a juventude é a fatia da população mais cobiçada.

Ortega (2006, p. 56) assevera que as marcas corporais nos repetem que “*It is for real*” (“é de verdade”). Não se trata de uma brincadeira. Portanto, não podem ser consumidas como meros signos identitários, à medida que essas modificações corporais deixam uma marca permanente ou

¹² ZUIN, Antonio S. A. *A sociedade do espetáculo e o simulacro da experiência formativa*. São Paulo: Cortez, 2003 pp. 141-156.



semipermanente. Não podem ser consumidas como meros signos, pois escapam à *commodification* deles por estarem no “supermercado do estilo”.

De nossa parte, entendemos que essa afirmação procede até certo ponto. Ao tentar desesperadamente fugir da superficialidade das relações e, através do próprio corpo, sentir-se vivo e existente, o jovem percebe que esta tentativa frustra-se, pelo fato de que os seus signos identitários logo se tornam lugar comum, mercadorias expostas nas vitrines, ou seja, o incomum, o íntimo atribuído às marcas corporais, rapidamente, nivela-se ao trivial, aos olhos atentos da indústria cultural. Por isso, quem faz uma tatuagem dificilmente não faz outra, ou quem faz um implante de silicone sempre repete a dose! Nunca o indivíduo está satisfeito e seguro de si, ele é cotidianamente convocado a consumir a marca – nos dois sentidos da palavra – que promete que fará dele alguém especial.

Os modelos de corpos, ou a “modelização” dos corpos, oferecidos pela suposta democracia da indústria cultural, não podem passar despercebidos no campo da educação, e nem sua naturalização, que assume ares de insuspeita importância na nossa sociedade. O que se percebe, hoje mais do que em outros períodos históricos, é que o corpo é lugar de investimentos e transformações de toda espécie, principalmente o corpo jovem. As modificações corporais no mundo hodierno ultrapassam e (traspassam!) a visão biológica e fisiológica ainda predominante na educação de maneira geral. Expressa através de diversas estéticas, como já assinalamos, a maneira restrita do jovem de se confrontar com o mundo em que vive.

O fenômeno *body modification* é um dos muitos investimentos corporais que circulam nos espaços sociais hoje e, pelas suas características de extrema agressão física infligida ao corpo em projetos levados a cabo pelos que aderem aos recursos disponíveis no mercado *high tech*, requer muita atenção, pois revela muito sobre como o jovem contemporâneo, busca desesperadamente formas idiossincráticas, entende sua inserção no mundo e orienta sua vida.

A educação do corpo se dá em todas as instâncias da vida social. É entre corpos/pessoas assim formados que todas as relações sociais se dão e, talvez devido a esse modo de formação de subjetividades a partir de marcas agressivas aos corpos, a relação corpo a corpo entre os homens esteja se tornando, por um lado, tão formal e artificial, e por outro lado, tão extrema. Portanto, tais questões requerem a nossa atenção.

Referências Bibliográficas



ADORNO, Theodor W. Educação Após Auschwitz. In: *Educação e Emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995, pp.119-138.

KEHL, Maria R. A Juventude como sintoma da cultura. In: *Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004 pp.89-114.

LASTÓRIA, Luiz A. Calmon N.. Utopias somáticas como contra-face da distopia social. In: PUCCI, B. et alii (Orgs.) *Experiência Formativa e Emancipação*. São Paulo: Nankin, 2009, pp.273-286.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria I. Mendes de. e EUGENIO, Fernanda (Orgs.) *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte: piercing, implantes, escarificação, tatuagem* São Paulo, Ed. SENAC, 2005.

SAFATLE, Vladimir. Um corpo obsoleto: sobre a relação entre fragilização das identificações e reconstrução contínua do corpo. In: PUCCI, B. et alii (Orgs.) *Experiência Formativa e Emancipação*. São Paulo: Nankin, 2009, pp.253-272.

ZUIN. Antonio A. S. A sociedade do espetáculo e o simulacro da experiência formativa. In: PUCCI, B. et alii (Orgs.), *Tecnologias, cultura e formação...ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003 pp. 141-156.